

Quem é este homem? Onde nasceu? Quem foram os pais? O que fazia? Com quem casou? Que filhos teve? Onde viveu? Quando morreu? Como lhe chegou a fama de santidade e quando se propagou por todo mundo o culto e a devoção dos fiéis? Como é representado?

Os dados bíblicos são parcimoniosos. O evangelho *rodeia a sua figura de sombra, de humildade e de silêncio. Adivinha-se mais do que se vê* (Daniel Rops). O evangelista S. Marcos nem sequer o refere (para ele – parece – é como se não existisse). S. João, evangelista, quase nada diz. Relata apenas o que ouviu dizer: *Esse não é Jesus, o filho de José, cujo pai e mãe conhecemos? Como diz agora: Eu desci do céu?* (Cfr. Jo 6, 42). Restam-nos S. Mateus e S. Lucas, com as genealogias e nos seus apontamentos sobre o nascimento e a infância de Jesus. Manteve-se este costume de chamar a José o pai putativo de Jesus.

O nascimento

Não se sabe onde nasceu e, por isso, alguns sugerem Belém (cidade de David e de José), outros preferem Nazaré, onde conheceu a Esposa, viveu com ela e com Jesus.

O Pai de S. José, diz S. Mateus que foi Jacob e S. Lucas, Heli. *Ou porque teve estes dois nomes, ou porque um foi o seu Pai natural e o outro legal* (Flos sanctorum, séc. XVI-XVIII). «*Jacó gerou José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, chamado Cristo*» (Cfr. Mt 1, 16). «*Ao começar o seu ministério, Jesus tinha cerca de trinta anos e era, como se supunha, filho de José, filho de Eli...*» (Cfr. Lc 3, 23).

A profissão

Qual era a sua profissão? Seria realmente carpinteiro, ferreiro ou um simples operário manual por conta própria? Outra incógnita. A palavra grega *tecton* dos evangelhos, significa artesão, sem mais. S. Justino, falando da vida de trabalho de José, afirma que, segundo uma antiga tradição, era um *carpinteiro que fazia arados e jugos*. Santo Isidoro de Sevilha concluiu, antes e por isso, talvez, que José era ferreiro. Outros, como Orígenes, Sto Efrém, S. João Damasceno, confirmam a antiga tradição e apontam-no como carpinteiro.

Estas interrogações que não encontram resposta cabal, são preenchidos pela lenda, escritos apócrifos, que alimentam o imaginário e a devoção popular.

Uma vez foi-lhe encomendada uma cama, por certa pessoa de boa posição. Mas aconteceu que um dos varais era mais curto que o outro, pelo que José não sabia o que fazer. Então o Menino Jesus disse ao seu pai: põe os dois paus no chão e acerta-os por uma extremidade. Assim fez José. Jesus pôs-se do outro lado, pegou no varal mais curto e esticou-o, deixando-o tão comprido como o outro. José, seu Pai, ficou admirado ao ver tal prodígio e encheu o Menino de abraços e beijos dizendo: que feliz sou por Deus me ter dado este Menino!

De qualquer modo seria um operário manual hábil, que ganharia a vida, com o suor do seu rosto e servindo os seus concidadãos. Se se considerar, como refere Martín Descalzo, a escassez de madeira na Palestina e que os famosos cedros eram importados e não acessíveis aos pobres, que a maioria das casas eram escavadas nas encostas ou feitas de barro misturado e que a dimensão do povoado não ultrapassava as cinquenta famílias, então perceberemos que a profissão de José e de Jesus seria bem mais modesta. José seria uma espécie de «faz de tudo», reparando tectos, carros, “jugos ou arados”, para sustentar a pequena família, como pai nutrício e providente.

O casamento

O matrimónio na Palestina daquele tempo celebrava-se em duas etapas: o “*quiddushim*” ou compromisso e o “*nissuin*” ou matrimónio propriamente dito.

Também ali, como era habitual em muitos povos orientais, o casamento é assunto familiar, sem que os contraentes tivessem qualquer intervenção no contrato que era negociado pelos pais ou tutores. Os desposórios (1ª etapa) tinham lugar na casa da noiva e eram os amigos e vizinhos que serviam de testemunhas. Esta celebração revestia, por isso, um carácter de verdadeiro matrimónio que não se abolia, a não ser por morte ou divórcio, sempre dificultado. Por ela, passava-se a ser esposo e esposa ou, em caso de morte, viúvo e viúva. Em princípio, não havia lugar para as relações conjugais íntimas (em alguns lugares, o rigor proibia-as).

Cerca de um ano depois celebrava-se a festa do casamento (2ª etapa). A noiva, ao cair da tarde (a meio da semana), rodeada pelas amigas, com as lâmpadas acesas, aguardava o noivo que chegava, levando, pela arreata, um burrito ricamente aparelhado. Com vestido de púrpura, cingido com cinturão nupcial, ataviada com brilhantes adereços e perfumada, a noiva recebia o noivo, de olhos baixos. Ele sentava-a sobre o burro e conduzia-a, no meio de festejos, com música, canto, flores e poesia, para sua casa. Na casa do noivo, um sacerdote ou um ancião lia os textos que falavam dos amores de Sara e Tobias. E

o vinho completava a alegria de todos.

Que idade teria José quando casou com Maria?

A maioria dos pintores, seguindo a lenda, apresenta-o adulto ou ancião. Franz Jantsch, rejeitando embora que fosse velho, na altura do seu matrimónio, aponta os 40 ou 50 anos. Jim Bishop dá-lhe 19 anos. Mais provável é que tivesse alguns anos mais que Maria e que casasse com Ela, à volta dos 25, idade mais congruente naquele tempo.

Neste capítulo, a Lenda tem mais força para colmatar a falta de informação do texto evangélico. A ideia de José velho data dos primeiros séculos. Encontrámo-la no escrito apócrifo intitulado "Proto-evangelho de Tiago" que Orígenes conhecia já no século III. Trata-se de uma obra ingénua, com uma intenção de apologética fácil que acabou por influenciar a piedade popular e a criação artística.

Criava-se Maria no templo do Senhor, como se fosse uma pomba e recebia o alimento da mão de um anjo. Quando fez doze anos, deliberaram os sacerdotes: "Eis que Maria completa doze anos no templo do Senhor. Que faremos d'Ela, para que não se manche o Santuário do Senhor nosso Deus?". E disseram ao sumo-sacerdote: "Tu estás no altar do Senhor; entra no Santuário e reza por Ela e faremos o que o Senhor te revelar". O sumo-sacerdote pegou no peitoral com as doze campainhas e dirigiu-se ao *Sancta Sanctorum* e rezou por Ela. E eis que surgiu um anjo do Senhor que lhe disse: "Zacarias, Zacarias, sai e convoca os viúvos do povo; que cada um traga o seu cajado e aquele que o Senhor indicar esse será o esposo d'Ela.

Saíram os mensageiros por todo o território da Judeia e ressoaram as trombetas do Senhor, ao que logo acorreram todos. S. José deitou fora o seu machado de carpinteiro e correu a juntar-se a eles e, depois de estarem todos reunidos, pegaram nos cajados e foram ter com o Sumo-sacerdote. Este, tomando os cajados de todos, entrou no templo e orou. Terminada a oração, recolhendo os cajados, saiu e entregou-os e nenhum sinal apareceu neles. Mas quando José lançou mão do último, uma pomba saiu deste e voou para a cabeça de S. José. (Noutras versões, o cajado floresce). E disse o sacerdote a José: "Tu estás destinado pela sorte para tomar sob a tua protecção a Virgem do Senhor". S. José respondeu e disse: "Tenho filhos, sou um homem velho; ela é jovem, tenho medo de parecer ridículo ante os filhos de Israel". E disse o sacerdote a S. José: "Teme ao Senhor, teu Deus, e lembra-te do que fez com Datan, Abirão e Coré: abriuse a terra e foram engolidos por ela por causa da sua resistência. E teme agora a Deus, José, não suceda alguma coisa em tua casa". E José temeu e tomou-a sob a sua protecção. E disse a Maria: "Eis que te recebo do templo do Senhor e te deixo agora em minha casa. Voltarei para fazer os meus trabalhos e depois virei novamente ter contigo. O Senhor terá cuidado de Ti, entretanto".

A "*História de José, o carpinteiro*", do século VI ou VII, apócrifo, provavelmente, de origem egípcia, informa que José era viúvo e tinha 4 filhos e 2 filhas (Judas, Justo, Tiago, Simeão, Assia e Lídia) e, após 49 anos de convivência com sua primeira mulher, recebeu Maria, de 12 anos, como se fosse mais uma filha.

A vida de São José é um mistério que só à luz de Cristo e da Virgem se pode compreender. Assim o propõe a *Flos sanctorum de Ribadeneyra (séc. XVI-XVIII)*.

Diz-nos o Sagrado Evangelho que este glorioso Patriarca se chamou José e que era da casa e família de David e que quando se desposou a Virgem, nossa Senhora, era Varão e Varão justo e adornado de todas as virtudes que neste nome de justiça se contêm. Teve por nome José que quer dizer Aumento, para que entendamos que foi acrescentado com os dons de Deus e, com grandes vantagens, cumulado de todas as virtudes e excelências que o Patriarca José tinha tido: o qual, tendo sido vendido por seus irmãos aos Ismaelitas, foi depois sublimado pelo Senhor e feito Príncipe do Egipto, porque aquele José, com prudência e espírito do Senhor, remediou a falta de trigo do Egipto, para que não pervessem. Mas este outro José foi depositário daquele pão celeste que é o sustento, saúde e vida de todo o mundo. O outro foi tão casto que deixou a capa nas mãos da má mulher, sua Ama, que o seduzia para o mal e preferiu sofrer o cárcere e outras calamidades e misérias a ser desleal ao seu Amo. Mas o nosso José foi virgem e teve uma pureza mais Angélica que humana, como convinha que tivesse, ele que era esposo e guardião daquela Virgem que é a flor de todas as Virgens e mais limpa que as Estrelas e o Sol...

Também diz o Evangelho que quando se casou com a Virgem era *Vir*, que quer dizer Varão e homem já maduro e robusto, que não era Moço nem Velho, para que entendamos que era de mediana idade, como era necessário que fosse, para que se acreditasse que Cristo nosso Senhor era seu filho e a Mãe não fosse tida por adúltera e ele tivesse forças para tantos trabalhos que havia de ter ao serviço da Mãe e do Filho. E, desta maneira, não era tão velho, nem tão decrépito, como alguns dizem e os Pintores pintam. Fazem-no (porventura) para significar que em tão avançada idade não podia haver ardor da concupiscência e para guardar o respeito e decoro devido à Virgem. Mas, a castidade é dom de Deus e para a alcançar não bastam apenas os muitos anos e os cabelos brancos, e a graça é superior à natureza. Sem dúvida, a pureza de São José (como dissemos) foi tão distinta que mais parecia de Anjo que de homem mortal.

A Virgem Mãe

Maria e José viveram com pura alegria todos estes acontecimentos. Mas algo inusitado, misterioso, se passou entre a primeira e a segunda festa, algo incomum que alterou suas vidas e deu um sentido muito particular ao seu matrimónio. Em

parte esperado ou desejado?! De qualquer modo, humanamente incompreensível.

Foi o anjo Gabriel enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão cujo nome era José, da casa de David e o nome da virgem era Maria. Entrando o anjo onde ela estava disse: Ave, cheia de graça, o Senhor está contigo. Ela, porém, ao ouvir estas palavras, perturbou-se muito e pôs-se a pensar que saudação seria essa. Disse-lhe então o anjo: Não temas, Maria; pois achaste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. Este será grande e será chamado filho do Altíssimo; o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai David e reinará eternamente sobre a casa de Jacob, e o seu reinado não terá fim. Então Maria perguntou ao anjo: Como se fará isso, se eu não conheço homem? Respondeu-lhe o anjo: o Espírito Santo virá sobre ti, e a força do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra, por isso o Santo que vai nascer será chamado Filho de Deus. Também Isabel, tua parenta concebeu um filho na velhice e é este o sexto mês para aquela que chamavam estéril, porque a Deus nada será impossível. Disse então Maria. Eis a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra. E o anjo deixou-a. (Cfr. Lc 1, 26-38)

Ela partira para Ain Karim, como observa Martín Descalzo, a meio do ano, entre a cerimónia dos desposórios e o matrimónio propriamente dito. Pedira, naturalmente, licença a José para se ausentar, mas não dera demasiadas explicações. Também José, certamente, não lhas pedira. Era natural que gostasse de passar umas semanas com a sua prima e, muito mais, se sabia ou suspeitava que Isabel, de idade avançada e estéril, estava à espera de um menino.

Mas mais estranho foi o regresso precipitado de Maria. Embora os exegetas não estejam de acordo, os textos evangélicos parecem insinuar que voltou a Nazaré, quando faltavam algumas semanas para o nascimento de João. Pelo menos, não dizem nada de uma presença de Maria nos dias do parto.

Porquê, agora, tanta pressa em voltar? Não seria normal que estivesse com a prima, precisamente nos dias em que mais precisava? Esta pressa obriga a pensar que faltava pouco tempo para a festa do matrimónio de Maria ou, mais provavelmente, que os sintomas da maternidade começavam a ser já claros n'Ela.

Regressou, pois, a Nazaré e esperou, esperou em silêncio. Não parece nada verosímil que Maria contasse, como sugere Bishop, a sua situação a José. Os evangelhos insinuam um silêncio absoluto de Maria. S. João Crisóstomo, numa homilia de prodigiosa análise psicológica, trata de investigar o porquê deste silêncio:

Ela estava certa de que seu esposo não teria podido acreditar n'Ela, se lhe tivesse contado um facto tão estranho. Temia até despertar a sua cólera, ao dar a impressão de que Ela tentava encobrir-lhe uma falta cometida. Se a Virgem experimentara uma estranheza tão humana, ao perguntar ao anjo como sucederia o que ele anunciava, já que Ela não conhecia homem para o caso, quanto mais não teria duvidado José, sobretudo se conhecia isto dos lábios de uma mulher, que, pela simples razão de ser Ela a contá-lo, se tornava suspeita?

Tratava-se de algo demasiado delicado! Além do mais, que provas poderia Maria apresentar sobre o mistério que lhe enchia o seu seio, sem intervenção de homem?

Calou-se e aguardou. Esta teria sido a sua já atitude perante Isabel. E Deus antecipara-se a dar as explicações necessárias.

Naqueles dias, Maria pôs-se a caminho para a região montanhosa, dirigindo-se apressadamente a uma cidade de Judá. Entrou em casa de Zacarias e saudou a Isabel. Ao ouvir Isabel a saudação de Maria, a criança lhe estremeceu no ventre e Isabel ficou repleta do Espírito Santo. Com um grande grito, exclamou: Bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre! E donde me vem que venha visitar-me a mãe do meu Senhor? Pois logo que me soou aos ouvidos a voz da tua saudação, a criança estremeceu de alegria em meu seio. Feliz aquela que acreditou no cumprimento do que lhe foi dito da parte do Senhor. (Cfr. Lc 1, 39-45)

Agora faria o mesmo. Continuava a ser assunto d'Ele. Como conheceu José a gravidez de Maria? Também não sabemos. Admitiu José culpabilidade na sua mulher? S. Agostinho, com puro realismo, diz que sim: julgou-a adúltera. Na mesma linha se colocaram não poucos padres da Igreja e alguns biógrafos. Mas a posterior reacção de José está tão cheia de ternura, que parece não poder admitir-se tal pensamento. Teria sido violada no caminho de Ain Karim? Não se culpabilizaria ele de não a ter acompanhado? Não seria isto a explicação para o silêncio d'Ela?

Por outro lado, a serenidade de Maria desconcertava-o. Terá José podido imaginar que aquela gravidez vinha de Deus? Alguns historiadores dizem que sim. E não falta quem julgue que esta desconfiança é o que fazia tremer José, que, por humildade, não se teria atrevido a viver com a mãe do futuro Messias. Esta explicação é piedosa, mas não parece muito verosímil. A palavra "almah", que o profeta Isaías usa, interpretava-se simplesmente como "donzela". Quanto ao resto, como seria possível José imaginar uma vinda de Deus de modo tão simples? O mais provável é que tal hipótese não passasse sequer pela imaginação de José, antes da nova aparição do anjo.

Mas, para José, o problema era grave. É evidente que ele amava Maria e que a amava com um amor simultaneamente sobrenatural e humano... A primeira reacção que José terá tido foi calar-se. Mas esta solução também não lhe era fácil. José homem justo, cumpridor da lei, deveria denunciar a adúltera. E, mesmo que Ela não fosse culpada, José não podia dar à

estirpe de David um filho ilegítimo. Este era deste "temor" que, depois, o anjo o tranquilizaria.

Mas se não reconhecia o menino como seu, o problema complicava-se. Maria teria que ser julgada, publicamente, por adultério e, provavelmente, condenada a lapidação. Tal ideia angustiava, certamente, José. Poderia Maria provar a sua inocência? A sua serenidade parecia mostrar que estava inocente, mas o silêncio indicava também que não tinha provas. José sabia que os galileus do seu tempo eram inflexíveis nestes assuntos. Quanto tempo durou esta angústia? Dias, provavelmente. Dias terríveis para ele, mas ainda mais para Ela. E os dois calavam-se. Calavam-se e esperavam, mergulhados neste silêncio dilacerante de Deus.

A origem de Jesus Cristo foi assim: Maria, sua mãe, comprometida em casamento com José, antes que coabitasse, achou-se grávida pelo Espírito Santo. José, seu esposo, sendo justo e não querendo denunciá-la publicamente, resolveu repudiá-la em segredo. Enquanto assim decidia, eis que o Anjo do Senhor manifestou-se a ele em sonho, dizendo: José, filho de David, não temas receber a Maria, tua mulher, pois o que nela foi gerado vem do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, e tu o chamarás com o nome de Jesus, pois ele salvará o seu povo dos seus pecados. Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor havia dito pelo profeta: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e o chamarão com o nome de Emanuel que significa: Deus conosco. José, despertado do sono, fez como o anjo do Senhor lhe ordenara, e recebeu em casa sua mulher. Mas não a conheceu até o dia em que ela deu à luz um filho. E ele o chamou com o nome de Jesus. (Cfr. Mt 1, 18-25)

O anjo terminara a sua mensagem. Mas o evangelista acrescenta para mostrar, aos seus contemporâneos, como em Cristo se realizam as palavras de Isaías: Eis que uma Virgem conceberá e dará à luz um filho... (Mt 1,23). Estas palavras, importantes para nós, não o eram para os contemporâneos e antecessores de Cristo... Esperavam a vinda deste enviado revestido de poder e de majestade, mas seria-lhes difícil imaginarem-no bebé, nascido de um ser humano. Muito menos podiam intuir um nascimento virginal e misterioso. Só, naquela noite, é que José começou a vislumbrar o sentido daquela palavra e que, então, tudo batia certo: a pureza inquestionável de sua esposa, a misteriosa serenidade d'Ela, a sua vocação pessoal. Compreendeu porque amava Maria, sem, ao mesmo tempo, a desejar e porque o seu carinho era quase só respeito. Entendia como é que se podiam unir ideias tão opostas como "virgindade" e "maternidade", como podia ser pai sem o ser, como é que aquela terrível dor da véspera se tornara fecunda, tão maravilhosamente.

Temeu, por momentos, que tudo tivesse sido um sonho, uma "saída" que o seu subconsciente procurava, para resolver o problema? Talvez, comenta Martín Descalzo. Mas, quanto mais reflectia, mais se dava conta que aquilo só podia ser obra de Deus... Não, não era um sonho. Sentiu desejos de correr e abraçar Maria; mas só o fez quando foi dia. A Ela bastou-lhe ver o rosto para compreender que Deus tinha falado a José, como antes o tinha feito com Isabel. Agora podiam falar claramente, confrontar as suas "histórias de anjos", ver que tudo batia certo, "entender" suas vidas, assustar-se do que se lhes pedia, e sentir a infinita felicidade de que se lhes pedisse. Compreendiam o seu duplo amor virginal e viam que esta virgindade em nada diminuía o seu verdadeiro amor. Nunca houve dois noivos tão felizes como Maria e José, passeando naquele dia, sob o sol que brilhava.

O nascimento de Jesus

Os evangelhos que pouco dizem de José, do que fez e não citam palavra, é só presença (não adorno, como se possa pensar ou dizer). Nisto, poderemos compreender o carácter de José. É uma palavra viva e pronta que acompanha a Esposa e guia o Menino. Como diz o povo, se a palavra é prata, o silêncio é ouro.

Naqueles dias apareceu um edito de César Augusto, ordenando o recenseamento de todo o mundo habitado... Também José, subiu da cidade de Nazaré, na Galileia, para a Judeia, na cidade de David, chamada Belém, porque era da casa e família de David, para se inscrever com Maria, sua mulher, que estava grávida. Enquanto estavam ali, completou-se o tempo de dar à luz, e teve o seu filho primogénito, envolveu-o em faixas e deitou-o numa manjedoura, porque não havia um lugar para eles na sala. Na mesma região havia uns pastores que estavam nos campos, e guardavam durante as vigílias da noite o seu rebanho. Foram, pois, a toda a pressa, e acharam Maria e José, e o menino deitado na manjedoura. (Cfr. Lc 2, 1. 4-8. 16).

Mas pode supor-se, como pessoa sensível, um diálogo interior permanente, feito de observação de tudo e de contemplação e, ao mesmo tempo, inteiramente dedicado à Esposa e ao Filho. Quando a vivência é profunda, as palavras só perturbam, porque incapazes de acompanharem. Assim comenta a Flos sanctorum de Ribadeneyra (séc. XVI-XVIII).

Que resplendores deveria ter este gloriosíssimo Santo em seu entendimento! Que luzes! E raios divinos quando olhava e contemplava o Sol de Justiça, coberto (como numa nuvem) de um corpo de menino! Quando viu a claridade da noite e juntar-se o Céu à terra, no seu nascimento, cantar os Anjos, adorá-lo os Pastores, e oferecer-lhe preciosos dons os Reis, tomá-lo nos braços o santo velho Simeão, e cantar como Cisne aquele doce cântico, e suplicar ao Senhor que desatasse a cadeia do seu corpo, pois que acabara de ver a luz das Nações pagãs, a glória dos Judeus e o Salvador de

todos! Que ardores e labaredas de amor abrasavam aquele peito sagrado, ao que é fogo que sempre arde e nunca se consome, antes transforma todas as coisas em si! Que admiração, que espanto, que êxtase devia padecer quem sabia ao certo que aquele Menino a quem servia e mandava era Menino e Deus, pobrezito e riquíssimo, vestido de carne mortal e de glória imortal!

Mas não é só poesia, é responsabilidade, é tarefa, encargo, preocupação. Afinal, José não é um pai comum. Já lhe bastaria isso. Aquele menino também não é comum, senão na aparência. E José tem bem consciência disso e outros desconfiam e ficaram inquietos com o que se espalhou sobre o seu nascimento. Ou José não terá tido consciência, mesmo mínima, dessa realidade. O mistério pesa. E se num momento pode ser encantador, noutros torna-se drama.

Eis que um anjo do Senhor manifestou-se em sonho a José e lhe disse: Levanta-te, toma o menino e sua mãe e foge para o Egito. Fica lá até que eu te avise, porque Herodes vai procurar o menino para o matar. Ele levantou-se, tomou o menino e sua mãe, durante a noite e partiu para o Egito. Aí ficou até à morte de Herodes, para que se cumprisse o que dissera o Senhor pelo profeta: Do Egito chamei o meu Filho. Quando Herodes morreu, eis que o anjo do Senhor manifestou-se em sonho a José no Egito, e disse-lhe: Levanta-te, toma o menino e sua mãe e vai para a terra de Israel; pois que os que procuravam tirar a vida ao menino já morreram. Ele se levantou, tomou o menino e sua mãe e entrou na terra de Israel. Mas, ouvindo que Arquelau era rei da Judéia em lugar de seu pai Herodes, teve medo de ir para lá. Tendo recebido um aviso em sonho, partiu para a região da Galileia e foi morar numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que fora dito pelos profetas: Ele será chamado nazareno. (Mt 2, 13-23)

José tem tarefas concretas. É ele que as presente, é ele que toma iniciativa, é ele que decide. É tanto prudente, como audacioso. Com que encanto a Virgem Mãe contemplava tudo isto! E com que confiança aceitava tudo o que ele ordenava. Certamente que falavam, para que a obediência fosse perfeita.

Não menos excelência da Fé e de grande obediência se exprimem, quando de novo lhe aparece o Anjo e manda que se levante e fuja para o Egito, com a Mãe e com o Filho e permaneça nessa terra até que o avise, pois que Herodes procuraria matar o Menino. E continua a citada *Flos sanctorum*:

E José, como era santo e justo, não se perturbou, nem se escandalizou, nem fez novos e vãos discursos, nem perguntou ao Anjo como queria que fugisse, pois que lhe tinha dito que aquele Menino era o Salvador, visto que o fugir não soava bem com tal nome e ofício, nem pôs dificuldades acerca da sua pobreza e delicadeza do Menino e da Mãe, nem alegou que em algum recanto da Judeia, entre seus parentes e conhecidos, se poderia esconder e salvar, antes com singelíssima e perfeitíssima obediência logo se levantou naquela mesma noite e com a Mãe e o Filho se lançou a um longo, áspero e perigoso caminho. Partiu para terra não conhecida e viveu tantos anos entre gente bárbara e idólatra, passando grandes trabalhos, pobreza, moléstias e sobretudo gravíssimas aflições e fraquezas de coração por ver as ofensas a Deus e as idolatrias que aquela gente cometia e a necessidade e incomodidade que padeciam aquela Mãe e aquele Infante que eram a riqueza do Céu, sem ter remédio, a não ser o pobre trabalho das suas mãos. Com esta mesma obediência regressou do Egito à Judeia. Quando morto já Herodes, o Anjo mandou que voltasse e acompanhou, com obediência e prudência, desviando-se das terras de Arquelau que havia sucedido a Herodes, seu Pai, no Reino, e com temor, não fora que o tivesse sucedido também na impiedade e que o Menino ali não estivesse seguro.

A vida em Nazaré e a morte de José

Finalmente na sua terra e na sua casa, no trabalho e na oração da família e da comunidade. O Filho ia crescendo e eles o acompanhavam e apoiavam, era-lhes submisso. E crescia não apenas em estatura e inteligência, mas em sabedoria e graça diante de Deus e dos homens.

Seus pais iam todos os anos a Jerusalém, pela festa da Páscoa. Quando o menino completou doze anos, segundo o costume, subiram para a festa. Terminados aqueles dias, eles voltaram, mas o menino Jesus ficou em Jerusalém sem que os seus pais o notassem. Pensando que ele estivesse na caravana, andaram o caminho de um dia e puseram-se a procurá-lo entre os parentes e conhecidos. E não o encontrando, voltaram a Jerusalém à sua procura. Três dias depois, eles o encontraram no Templo, sentado no meio dos doutores, ouvindo-os, e interrogando-os. E todos os que o ouviam se admiravam da sua inteligência e das suas respostas. Ao vê-lo, ficaram maravilhados, e sua mãe disse-lhe: meu Filho, porque procedeste assim para conosco? Eis que teu pai e eu, ansiosos, te procurávamos. Respondeu-lhes ele: Por que me procuráveis? Não sabíeis que eu devo estar na casa de meu Pai? Mas eles não entenderam as palavras que dissera. Então, descendo com eles, foi para Nazaré, e era-lhes submisso. E sua mãe guardava todas estas coisas em seu coração. (Cfr. Lc 2, 41-51)

A actividade de S. José é conhecida na viagem a Belém, na fuga para o Egipto e na casita humilde de Nazaré, onde deve ter morrido, quando Jesus chegou à idade de poder trabalhar para si e para a Mãe. Servo bom e fiel tinha cumprido a sua missão na terra, para entrar no gozo do seu Senhor e, de lá, ser Guarda e Patrono da Igreja, a segunda Sagrada Família. Sobre a sua morte, os Evangelhos nada referem. Desaparece de repente, sem se dar conta.

O apócrifo "História de José, o carpinteiro", do século VI ou VII, alongando-se sobre a morte de José, aponta mesmo uma data (26 de Abril), pondo estas palavras na boca de Jesus:

Passaram os anos e envelheceu. No entanto, não tinha qualquer doença. Conservava a luz dos seus olhos e nem um dente da sua boca perdeu. Também conservou sempre a vitalidade do seu espírito. Trabalhava como um jovem no vigor dos seus anos e seus membros estavam cheios de saúde. Viveu 111 anos...

Sentei-me a seus pés, a contemplá-lo. Tomei as suas mãos entre as minhas, durante uma hora. Voltou para mim o seu rosto e pediu-me que não o abandonasse. Imediatamente pus minha mão sobre o seu peito e dei-me conta que sua alma ia de imediato abandonar a sua morada... Vieram então Miguel e Gabriel, receberam a alma de meu pai José e cobriram-na com luminosos vestidos. Fechei-lhe os olhos com as minhas mãos e cerrei-lhe a boca. E disse a José: "Nenhum cheiro a cadáver te atingirá nem de teu corpo sairá verme algum. Nada do teu corpo se decomporá, meu pai, mas todo ele permanecerá íntegro e incorrupto até ao ágape do fim dos tempos.

A citada *Flos sanctorum* conclui com estas afirmações:

Sobre os anos que São José viveu, nada diz o Evangelho, nem outra escritura autêntica, nem o tempo em que morreu. O que se tem por mais certo é que já estava morto ao tempo da Paixão do Senhor, porque se fosse vivo, na Cruz, não encomendaria a outro a sua benditíssima Mãe.

Alguns dizem que já estava morto quando Cristo fez o milagre das bodas de Caná da Galileia, porque dizendo-se que a Virgem e Cristo e seus Apóstolos se encontraram nelas, nada se diz de São José. Contudo, isto não é certo. Só o é que depois que Cristo nosso Senhor, tendo doze anos, foi para Nazaré com sua Mãe e com seu Pai putativo e ficou com eles, como filho sujeito a seus Pais, servindo-os e obedecendo-lhes (como se referiu) e este tempo parece que deveria ser alguns anos, mas quantos teriam sido?! Só o Senhor sabe tudo.

O corpo de São José foi sepultado no vale de Josafat, como diz Beda e próximo do sepulcro, onde, depois, também foi depositado o corpo da sacratíssima Virgem, no mesmo vale entre o Monte Sião e o Monte das Oliveiras, como diz Burchard, querendo nosso Senhor que os sepulcros do Esposo e da Esposa que tanto e tão puramente se haviam amado, fossem juntamente reverenciados pelos Fiéis

Alguns mestres, como S. Francisco de Sales e Suarez, admitem que a morte de São José foi uma morte privilegiada, nomeadamente, que estaria entre os santos, aludidos por S. Mateus, que ressuscitaram definitivamente, após a ressurreição de Jesus. São Tomás de Aquino é mais reservado. Depois de o ter admitido, ficou-se pelas razões inversas dadas por Santo Agostinho.

O culto

A devoção a S. José desenvolveu-se no povo cristão seguindo leis maravilhosas, nas quais não é possível deixar de reconhecer a Providência de Deus que rege a Igreja.

Nos três primeiros séculos convinha que irradiasse com todo o esplendor, a luz da divindade do Verbo. Assim as festas mais antigas do ano litúrgico foram as que se relacionavam intimamente com o mistério da salvação e redenção, como a Páscoa, a Epifania e o Baptismo. Posteriormente, vêm as que se referem, preferentemente, à natureza divina e humana do Redentor, pessoa única: as festas da Natividade, da Apresentação no Templo e da Dormição da Virgem. Este é o período áureo da Mariologia, inaugurado no Concílio de Éfeso (431), e que, durante toda a Idade Média, foi fecundo inspirador de festas, procissões, basílicas e mosteiros dedicados a Nossa Senhora, Mãe de Deus. As mais antigas pinturas cristológicas das Catacumbas, representam o menino no seio da sua Mãe e assim a piedade da Igreja continua a adorá-lo nos braços de Maria Virgem. O católico sabe que a obra-prima da criação é Ela e a honra que lhe tributa, redundando no Artífice divino. Sabe que o mesmo Jesus, como Filho, quis honrar Maria, e os cristãos, no culto a Maria, mais não fazem que seguir as pisadas de respeito e amor do Filho. Depois da Virgem, vem aquele que exerceu sobre Ele a autoridade paterna, como pai legal, verdadeiro depositário da autoridade do eterno Pai, revestido do poder paterno dentro da Sagrada Família.

O culto litúrgico de S. José acomoda-se à sua missão providencial de ser o guarda do Menino e da honra da Mãe. Digamos que S. José se eclipsa em Nazaré numa noite de mais de doze séculos, até a consciência cristã possuir, com segurança e universalidade, as grandes verdades da divindade de Jesus e da virgindade perpétua de Maria. Então entra, também, no céu da Igreja como estrela de primeira grandeza, sempre ao lado de Jesus e de Maria.

Há referência a uma capela que lhe foi dedicada, na Basílica de Belém, edificada, no séc. IV, por Santa Helena. E, a partir do século IX, generalizou-se o culto a S. José. O Oriente celebra a festa de S. José, desde o século IX, no Domingo a seguir ao Natal e os Coptas, no dia 20 de Julho. No Ocidente, embora mais tardio, é assinalável, no séc. IX-X, a inscrição do

seu nome nos martirólogos e a notícia da edificação de uma igreja em Bolonha, no séc. XII. Neste século, a devoção ganha impulso entre Beneditinos e Franciscanos, e, no século XIII, os Carmelitas propagam-na pela Europa. Mas o grande movimento surge pelo século XIV, por influência e zelo de figuras como S. Bernardo, S. Tomás de Aquino, Sta Gertrudes, Sta Brígida da Suécia. E, posteriormente, S. Vicente de Ferrer, S. Bernardino de Sena, Pedro d'Ailly, Jean Charlier Gerson. Sisto IV quis que fosse inserida no Breviário e no Missal Romano a festa de São José; Gregório XV, com o decreto de 8 de Maio de 1612, prescreveu que se celebrasse a festa com rito duplo de preceito em todo o mundo; Clemente X, em 6 de Dezembro de 1714, adornou a referida festa com missa e ofício inteiramente próprios e, finalmente, Bento XIII, com decreto publicado em 19 de Dezembro de 1726, ordenou que fosse acrescentado o nome do santo Patriarca na Ladainha dos Santos. Pio IX introduziu, em 1847, a festa do Patrocínio de S. José e, em 8 de Dezembro de 1870, declarou-o padroeiro da Igreja universal, pelo Decreto "*Ad perpetuam rei memoriam*". Leão XIII (com a carta *Quamquam pluries*), S. Pio X aprovando e incrementando tão inspirada devoção, Bento XV, acrescentando dois prefácios para a Missa: o de S. José e o da Missa de defuntos e inculcando, com o Motu proprio "*Bonum sane*", o seu patrocínio para a hora da morte. Pio XI, com solenes alocações sobre a grandeza espiritual do esposo de Maria, pai de Jesus e patrono da Igreja, confirma a devoção popular e promove o culto oficial. Pio XII estabelece, em 1955, a festa de S. José Operário, que ainda hoje tem lugar no 1º de Maio. E João XXIII encomendou o Concílio a S. José e incluiu o seu nome no cânone romano (oração eucarística I), da Missa. Os Padres da Igreja louvaram, encomiaram e invocaram-no. S. Jerónimo exaltou a sua virgindade, S. João Crisóstomo dissertou sobre a ternura das suas dores e dos seus gozos, Santo Agostinho apresentou-o como verdadeiro pai de Jesus. Santa Teresa de Jesus parece ter recebido missão especial para dar a conhecer as glórias de S. José, a sua eficácia no céu e o seu patrocínio na terra. Chegou a dizer; "*Não me lembro de me ter dirigido a S. José, sem que não tivesse obtido tudo o que pedia*". Desde então a luz, que envolve a imagem do bendito Patriarca, com o Menino ao colo e a varinha florida da sua virgindade, cresce constante, como a do sol que do Oriente e chega ao seu zénite.

Patrocínio

Operários, artesãos, carpinteiros, marceneiros, pais de família, encarregados de educação, desalojados, pobres, religiosos, virgens, moribundos, etc.

Iconografia

É paralela à difusão do culto. Na Idade Média é normalmente apresentado, de acordo com a legenda, como um ancião de cabeça calva e barba branca. Raramente aparece representado isoladamente. A partir do séc. XVI, com um aspecto de homem maduro com vigor, como carpinteiro e pai nutrício de Jesus. No primeiro caso, com os atributos de ofício: machado, serra, plaina e esquadro e, no segundo, reconhecido pela vara florida, com o menino nos braço ou conduzindo-o pela mão. Excepcionalmente, apresentado como judeu com a faca da circuncisão ou chapéu da judiaria.